

Reconhecimento de privilégios: a utilização crítica do *meme* Barbie fascista pelo jornalismo na era da pós-verdade¹

Ana Paula Pires VIANA²

Lisiane Machado AGUIAR³

Luan Correia Cunha SANTOS⁴

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

RESUMO

Este artigo busca analisar o papel do jornalismo na era da Pós-verdade por meio de uma crítica aos privilégios e as questões que dão início ao desassujeitamento do “eu” apresentado por Michael Foucault (1990) e Judith Butler (2005). Para isso, problematizamos o *meme* da Barbie Fascista em relação ao cenário político brasileiro e o entendimento dos conceitos de pós-verdade, ética e moral. Além de apresentar três matérias em jornais para observar como o jornalismo faz a crítica as pessoas elitistas, racistas, intolerantes e privilegiadas que são representadas pelo *meme* ironicamente. Dessa forma, podemos perceber que a popularidade do *meme* se deve ao cunho político e crítico que ele exerce na desestabilização da moral e reconhecimento de privilégios.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; pós-verdade; privilégios; crítica; *meme*.

1. Introdução

É comum ver notícias que afirmam que o mundo está passando por um momento de pós-verdade (ALSINA; SILVA, 2018). O pós-verdade seria um momento da informação que não é mais valorizado os fatos, análises e questionamentos, e sim uma forte construção da opinião pública cheia de crenças pessoais. As pessoas transformaram a mentira em verdade, pois vivem em um mundo construído por um sistema que privilegia uns e desvaloriza outros.

Quando ouvimos falar que alguém aceitou quem é, geralmente ouvimos de grupos minoritários, pois a ação de reconhecer-se dentro de um ciclo de violência é a mais dolorosa para esses grupos. Não que essas pessoas nunca soubessem quem elas eram, mas a ação de se aceitar e dizer quem é, causa um repúdio para uma camada da população que está presa em uma construção moral preconceituosa. É desta camada da população que pretendo analisar e questionar a construção moral e privilegiada para um possível processo de desconstrução e reconhecimento de privilégios. A aceitação não

¹Trabalho apresentado na IJ 8 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de junho de 2019.

²Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFRR, e-mail: paulapiresviana@gmail.com

³Professora e pesquisadora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFRR. Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS, e-mail: lisiaguiar@gmail.com

⁴Estudante do 8º período do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, e-mail: luanjack@gmail.com

está apenas nos grupos minoritários, está, também, no começo do desassujeitamento das pessoas que gozam de privilégios e que defendem que o mundo está ficando chato, pois segundo elas, não se pode mais fazer “brincadeiras” como antigamente.

Não pretendemos falar do oprimido, e sim falar do opressor. Além de analisar sites de notícias que utilizam do meme Barbie Fascista⁵ com o intuito de criticar a ética de pessoas preconceituosas e elitistas que gozam de privilégios e não conseguem enxergar o viver deles. Para começarmos a pensar esses assuntos propomos o questionamento: Como os memes da Barbie Fascista possibilitam no campo do jornalismo a discussão crítica sobre o reconhecimento de privilégios na era do pós-verdade?

Mas como assim privilégios? Não somos todos iguais? Por que precisaria reconhecer meus privilégios? Buscamos pela perspectiva crítica problematizar essas especificidades que dão início ao desassujeitamento do “eu” apresentado por Michael Foucault (1990) e Judith Butler (2005).

Foucault (1990) propõe uma definição de crítica. A crítica defendida por ele é o início do processo de desconstrução. Como se repensar criticamente, a partir dos privilégios e construção moral que estou inserido? Em seu ensaio: “O que é crítica?”, o autor defende que não há apenas uma definição de crítica, mas propõe uma aproximação do conceito, afirmando:

[...] eu diria que a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade; pois bem, a crítica será a arte da inservidão voluntária, aquela da indocilidade refletida. A crítica teria essencialmente por função a desassujeitamento no jogo do que se poderia chamar, em uma palavra, a política da verdade (FOUCAULT, 1990, p.5).

Com isso, propomos uma autocrítica do lugar que assumimos dentro da sociedade como uma alguém que tem privilégios por conta de seu gênero, de sua raça, de sua orientação sexual, de sua identidade de gênero e seu padrão de corpo, uma visão do processo de desconstrução do sujeito, analisada pela ironia da página Barbie Fascista e pela visão de crítica foucaultiana. E como a liberdade de expressão pode dar segurança para grupos expressarem ódio com o pretexto de opinião.

A boneca Barbie se tornou um símbolo da cultura pop, que representava uma adolescente de classe alta com um mundo perfeito só para ela. Ela podia ter todos os empregos que quisesse, apenas por diversão, além de instaurar padrões de corpo e de feminilidade. A Barbie passava a ideia de ser perfeita e ter uma vida perfeita, sem

⁵Disponível em: <https://www.instagram.com/barbiefascionista/>. Acesso em 20 de nov de 2018.

dificuldades. No almanaque da boneca, feito por Claudia Garcia na Folha de São Paulo, a Barbie é descrita como:

Ela é rica, bonita, famosa, inteligente e está sempre na moda. Tem o namorado perfeito e muitos amigos que a adoram. O mundo Barbie é cor-de-rosa, feito de sonhos e fantasia, onde tudo é possível. É o que garante o slogan "be anything".⁶

Ao utilizar a imagem da Barbie com frases elitistas e preconceituosas, o meme faz referência as pessoas que são de uma classe alta, nasceram no privilégio, não ligam para as necessidades de minorias sociais e que deslegitimam movimentos que buscam a equidade. Nas páginas do Instagram e do Twitter encontramos: “Barbie Fascionista” “Barbiezinha Fasci” e “Barbie de Bem”, respectivamente, são dedicadas apenas a esse meme específico e nos ajuda a pensar criticamente a ética de posicionamentos de direita dispostos em uma consolidação moral da sociedade, para o reconhecimento de privilégios.

2. O sujeito privilegiado

Primeiramente, o que é ser um sujeito privilegiado na sociedade e por que assumir-se privilegiado causa tanto desconforto? Sian Ferguson, no texto de Maisha Z. Johnson (2015, p. 3) “O que privilégio significa (e o que não significa)”, traz a definição de privilegio como: "um conjunto de benefícios não merecidos, dados à pessoas que se encaixam em certo grupo social". O que isso quer dizer? Bom, isso quer dizer que todas as pessoas usufruem de privilégios, mas de maneiras, graus e em esferas diferentes. Só porque eu sou mulher, e tenho um histórico de luta contra o machismo, não quer dizer que eu não sou opressora em outras camadas. Como assim? Uma mulher negra, sofre muito mais que eu, uma mulher branca. Pois, além dela ter que lidar com o sexismo e machismo, ela ainda precisa lidar com o racismo.

Construir essa percepção é lutar contra o ensinamento da meritocracia. A meritocracia seria um sistema de hierarquização baseado em méritos, a ideia é que todos têm as mesmas condições de alcançar o sucesso, quem se esforça e trabalha mais alcança seus objetivos. Desconstruir-se é problematizar a ideia que todos somos vistos pela sociedade e pelo Estado como iguais. É admitir que você usufrui de privilégios, mesmo sem ter pedido por eles.

⁶ Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/barbie.htm>. Acessado em 22 de nov. 2018.

"O bolsa família tem que acabar mesmo! Eu sou exemplo de quem começou do zero, já tirei muito xerox na empresa do meu pai!"



"já sofri racismo e nunca fiquei de mimimi, me chamaram de palmito"



Fonte: Print tirado da página do site Facebook, Barbie e Ken Cidadãos de Bem

Johnson (2015) mostra que pensar sobre privilégios é pensar como o sistema favorece alguns grupos e oprime outros, além disso afirma que não encarar seu privilégio, apenas ajuda a opressão se manter. O processo de aceitação se torna doloroso, ao momento que se assume fazer parte de uma esfera privilegiada, não se olha para a opressão do mesmo jeito. É abrir mão de privilégios para lutar por aqueles que não têm, é uma luta que você perde mais que ganha, mas é uma luta pela igualdade. É desconfortável porque você sente culpa, pois ao saber que se beneficia de um sistema injusto, a consciência pesa. Foucault propõe a evidente relação da aceitação com o de questionamento e ruptura do sistema, quando afirma: "Liberar as condições de aceitabilidade de um sistema e seguir as linhas de ruptura que marcam sua emergência, estão aí duas operações correlativas" (FOUCAULT, 1990, p. 15).

Foucault (1990), defendia que essas pessoas vivem em um mundo construído pelo poder vigente. Judith Butler (2005, p. 12) retoma a ideia foucaultiana e afirma: "Ser governado implica, além de ter um modelo imposto sob a sua existência, receber de antemão os termos dentro dos quais sua existência será ou não possível".

É muito mais fácil negar a opressão do outro, quando ela não nos afeta. O sistema diz que somos todos iguais e acreditar nessa ideia é continuar seguindo com a construção social que ele inventou. Muitas vezes dizer que uma pessoa tem privilégios pode soar para ela como um ataque, pois parece que estão a acusando de roubar os direitos de outra pessoa, mas não é bem assim. O opressor não sabe que é opressor até que alguém diga pra ele que o mesmo atua nesse papel, pois como uma pessoa pode se

desconstruir se tudo aquilo que ela conhece é normalizado e em sua esfera social é comum? A negação da existência de privilégios só termina com o questionamento do opressor, isso é visto há anos com Sócrates que usava da maiêutica para incitar o questionamento do verdadeiro conhecimento. Johnson (2015), afirma que para conseguirmos uma equidade, é preciso que os opressores e oprimidos abandonem o sistema, reconhecendo seus privilégios perante alguma esfera.

Nunca vamos poder mudar as maneiras que contribuímos diariamente para a injustiça se não pudermos falar de nossos próprios privilégios - se automaticamente rejeitarmos a ideia que ele se quer existe porque não o entendemos (JOHNSON, 2015, p.3).

O processo de reconhecimento de privilégios pode ser visto de formas diferentes entre classes sociais. Por exemplo, uma pessoa branca e pobre favelada é acusada de ter privilégios. Ela teria raiva, pois ela é pobre, nunca teve nada fácil e construiu sua vida e de sua família com o trabalho, como uma pessoa tem coragem de acusar ela de ter privilégios? Bom, ser beneficiado por privilégios, não quer dizer que você não sofre opressão. Apenas quer dizer que você atua como opressor em alguma das instâncias segregadoras do sistema, pode ser o classismo, machismo, sexismo, racismo ou privilégio branco ocidental. Mas assumir seus privilégios, não é apagar sua luta. É repensar os sistemas de valores morais em que se está inserido.

Desnaturalizar certos privilégios permite uma crítica da normalização da desigualdade social. De acordo com Butler, Habermas propõe uma visão da crítica avaliadora das condições sociais:

Na visão dele, a perspectiva crítica é capaz de colocar fundamentos em questão, de desnaturalizar hierarquias sociais e políticas e, inclusive, de estabelecer perspectivas a partir das quais uma certa distância com o mundo naturalizado pode ser tomada (BUTLER, 2005, p.3).

Para uma camada com maior poder aquisitivo, a visão de privilégios é deformada e por isso causa raiva. No Brasil, programas de assistência para camadas da população mais pobre, como o Bolsa Família e as cotas, são vistos como privilégio para algumas pessoas que têm a imagem de direitos e privilégios deturpada. Elas acreditam que essa camada social marginalizada são pessoas que não querem trabalhar para continuar aproveitando-se da assistência governamental. Essa ideia vem do sistema morto que é a meritocracia, pois partir dessa ideia é ignorar que no Brasil a premissa é desigual. É partir da ideia que todos tiveram as mesmas oportunidades e condições na vida, o que é ser no mínimo inocente.

Desse modo, podemos observar que esses programas vêm compensar o desfavorecimento que esses grupos sofrem do sistema, e ajudar minimamente uma

pequena parcela a ocupar os espaços. Além disso, em consonância com a primeira forma de raiva, classes econômicas mais ricas quando confrontadas pelos seus privilégios, tendem a se defender com o discurso do mérito. Existem perfis de pessoas que são privilegiadas e outros que não são, ou seja, é necessário esclarecer que cada esfera social não tem as mesmas oportunidades. Podemos pensar, por exemplo, que só o fato de não precisar trabalhar e estudar ao mesmo tempo, já é um privilégio. Ou não ter medo de sair na rua a noite, já é um privilégio.

3. A problematização da moral no jornalismo

A teoria do construtivismo encara que as notícias ajudam na estruturação da realidade e propõe que as notícias são do jeito que são por causa da rotina organizacional dentro da redação. Para Mauro Wolf (1994), autor do livro *Teorias da Comunicação*, a teoria do *newsmaking* se guia por três vertentes: a) a cultura profissional dos jornalistas; b) a organização do trabalho; c) os processos produtivos. Todavia para a socióloga Gaye Tuchman (1978), toda empresa jornalística deve direcionar-se pelo seguinte modelo em um processo produtivo da notícia: a) transformar um fato desconhecido, em um fato notável e atrativo para o povo; b) não dar espaço para ambiguidades e interpretações; c) organizar as notícias de forma que sejam trabalhadas de forma planejada.

A teoria do *newsmaking* vai dizer que dentro de uma infinidade de acontecimentos, existem práticas jornalísticas para ajudar na seleção de notícias. Uma dessas práticas é a noticiabilidade. Nelson Traquina (2005, p. 63) define como “um conjunto de critérios, operações e instrumentos para escolher entre inúmeros fatos uma quantidade limitada de notícias”, esses critérios são os valores-notícia.

Partindo dessa premissa, que o jornalismo constrói realidades, a dificuldade dentro dessa área é passar uma verdade mais próxima dos fatos, tomando muito cuidado para as interpretações que possam legitimar preconceitos. Para realizar esse trabalho, o jornalismo não pode se desvencilhar da ética, pois é com ela que o jornalista critica a estrutura moral dentro da sociedade. A função de um jornalista não é apenas expor os fatos, mas levantar questionamentos para a atentar a população a respeito de verdades legitimadas por um sistema vigente.

Sem ética, o jornalismo é uma mera técnica narrativa, oca, sem a presença de seu motivo de existir: ser a construção de uma realidade (BERGER & LUCKMANN, 1985). preocupada com a interpretação correta do mundo, próxima da “verdade” dos fatos e atenta aos efeitos nocivos que seu produto

simbólico pode trazer à sociedade, como a reprodução de preconceitos, incentivo à intolerância, fortalecimento do inverídico ou ao ato “desumano”. (ALSINA; SILVA, 2018, p. 7).

O que é ética? Além de ser um conjunto de valores e princípios individuais que o responsabiliza para consigo e com os outros. No artigo: “Ética e Jornalismo: na era da Pós-verdade”, Miquel Alsina e Laerte da Silva (2018) trazem uma interpretação de Vásquez, afirmando que a ética consiste em uma investigação da moral.

[...] a ética é a ciência da moral. Ela é teórica e, segundo o autor, uma explicação, investigação de um tipo de experiência e forma de comportamento humano moral considerado, porém, em sua totalidade e diversidade. Sua missão é explicar a moral efetiva, esses comportamentos do homem e suas práticas de um determinado tempo e espaço (ALSINA; SILVA, 2018, p. 7).

A moral seria o conjunto de valores legitimados por uma sociedade para o bom convívio entre as pessoas, estabelecendo o que é certo ou errado na visão da sociedade⁷. Alsina e Silva (2018) destacam o jornalismo na era da pós-verdade está baseado na apresentação de uma realidade ou uma opinião em que é usado da crença pessoal e da parcialidade emocional para construir uma notícia, deixando de lado a objetividade dos fatos.

Em 2018, nas eleições presidenciais, o Brasil passou por uma séria polarização política. O candidato de direita, Jair Bolsonaro foi considerado uma liderança fascista pelos internautas, e em razão disso, os seus seguidores, bolsonaristas, também foram acusados de fascismo por apoiar o governo do candidato. Em sua campanha, Bolsonaro usava de *Fake News* para ganhar o eleitorado, disseminando alegorias como o Kit Gay. Em uma época de pós-verdade, o candidato deslegitimava e atacava os meios de comunicação, alegando perseguição por parte dos jornalistas e afirmando que a única fonte confiável era o próprio candidato.

Além disso, o candidato incitava a violência e reforçava preconceitos para com grupos minoritários da sociedade. Por causa disso, surgiram vários *memes*, compartilhados pelas redes sociais, sobre posições políticas que não respeitavam os direitos humanos, a equidade e as políticas públicas oferecidas pelo governo. O termo *meme*, surgiu na obra “O Gene Egoísta” de Richard Dawkins (1978) para se referir a uma unidade de evolução cultural que é compartilhada entre indivíduos. Essa definição contribui com o atual significado de meme, que se tornou um produto hiperfúria,

⁷De acordo com Vásquez “A moral é um sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livres e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal” (VÁSQUEZ, 1984, p.69).

utilizando de imagens; vídeos ou GIF's de conotação cômica compartilhada na Internet. Um, em especial, ganhou notoriedade pela escolha da imagem e da forma irônica de expressar a opinião política de pessoas elitistas e preconceituosas. O meme chamado Barbie Fascionista, usava da personagem mundialmente conhecida, Barbie, com roupas luxuosas e em viagens caras, falando frases a favor da meritocracia, contra políticas compensatórias e ideias delirantes como racismo reverso e a heterofobia.

Com a popularidade do meme e o cunho político e crítico que ele exercia na desestabilização da moral e reconhecimento de privilégios, os meios de comunicação começaram a publicar matérias sobre a ironia da Barbie Fascista, utilizando dessa oportunidade para trazer com o meme uma reflexão dos privilégios e os posicionamentos de grupos elitistas, preconceituosos e racistas. E que por estarem dentro de um sistema que os impede de ver a opressão sofrida por camadas marginalizadas, acreditam que não são beneficiados pela sociedade. Jornais como O Globo, Folha de São Paulo e até o Jornal francês, Le Monde comentaram sobre a repercussão da Barbie Fascionista.

Em 15 de outubro, O Globo publicou pelo site de notícias, a matéria com o título “Boneca vira ícone de críticas a elitismo e preconceito em meme 'Barbie fascista’”. A matéria conta que o meme é uma alusão a chamadas “patricinhas” e explica a ironia de cada imagem relacionada com o texto do meme. Ela dá visibilidade a ideia que existe privilégios e que as pessoas ao estarem em uma posição elevada da hierarquia social, acabam desmerecendo e criticando as políticas públicas que compensam minorias sociais, alegando que nunca irá existir igualdade se as pessoas forem ajudadas pelo governo.

A "Barbie fascista", como o meme ficou conhecido, se espalhou nas redes sociais e serviu à produção de conteúdo político para os que veem hipocrisia na defesa da liberdade, sem projetos de igualdade social nem apoio proporcional a pautas progressistas. Há espaço ainda para críticas ao preconceito regional e ao elitismo (O GLOBO, 2018).

Para Cornu (1994), no livro “Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação”, o trabalho jornalístico é político. A função do jornalista é além de expor a realidade, também comentá-la e causar uma reflexão no leitor.

A responsabilidade prévia de todo o jornalista é restaurar as faculdades críticas da informação, segundo os princípios das Luzes. Não só pela expressão de opiniões, mas, também e sobretudo, para utilizar as armas da própria informação moderna, pela revelação de factos que não entram no fluxo convencional das notícias (CORNU, 1994, p. 390).

Na Folha de São Paulo, a manchete já usa do fervor político para atrair as pessoas, com: “Em correntes no WhatsApp e redes sociais, Barbie vira sátira de antipetista”. A matéria dá atenção as postagens do meme denegrindo a esquerda e procura com falas da criadora da página, explicar que esse tipo de discurso é atribuído as pessoas pró-Bolsonaro, que silenciam a injustiça social por acreditar que a esquerda destruiu a vida deles.

O jornal francês, Le Monde também fez uma matéria sobre o caso e o site da Rádio Francesa Internacional do Brasil - RFI, traduziu. A matéria já relaciona os memes diretamente com o candidato de direita, Jair Bolsonaro e seus seguidores.



Fonte: Print da página online do jornal Francês Le Monde

A boneca seria, na visão do Le Monde: "alusão à burguesia brasileira ávida de meritocracia que critica a política de cotas colocada em prática pelo Partido dos Trabalhadores para ajudar os mais desfavorecidos". Além disso, a RFI interpreta a matéria do Le Monde como uma crítica aos brasileiros preconceituosos. Podemos observar isso na citação que segue:

Muito além do humor, para *Le Monde*, a Barbie Fascionista ressalta a crueldade de parte dos brasileiros que não ousam querer enxergar o racismo, a homofobia e o machismo. Entretanto, para o jornal, a boneca loira de olhos azuis perde um pouco o sentido quando Bolsonaro seduz também um eleitorado mais modesto, negro e mestiço, que "esquecendo os excessos do militar, veem nele um homem que pode até mesmo restaurar a ordem de um país à beira do abismo"(RFI, 2018).

Para Alsina e Silva (2018), não existe jornalismo sem ética, não existe jornalismo sem crítica. A ética media a informação desconstruindo uma moral instituída

e a hipocrisia da moralidade conservadora que não reconhece que se beneficia de privilégios. Construindo a liberdade, humanidade e a defesa de direitos iguais para todos. Cornu (1994), apresenta a ideia de Weber, jornalismo de responsabilidade que se preocupa com a repercussão de uma notícia, por isso tende a ponderar todos os lados, as partes mais prejudicadas e o fim de uma crítica. A Barbie fascista é uma ferramenta que permite uma reflexão, não apenas de privilégios de uma camada mais alta na hierarquia social, mas também que todos se reconheçam como privilegiados em relação a outro grupo e que já reproduziu alguma opressão por não perceber a posição que ocupava. E aparece na forma de reflexão consigo mesmo, é início do processo de aceitação. É nesse estágio que a pessoa começa a se questionar de que privilégios ela se beneficia e em que opressões ela atua.

4. Considerações Finais

O jornalismo atua nessa instância quando tem o papel de levar esses questionamentos até o público, exercendo esse papel socrático e indagando os privilégios dos próprios leitores. Dentro do movimento social feminista, existe uma vertente que visa essa reflexão, é o feminismo interseccional. Nessa vertente além de pensar o sexismo, também avalia como o conjunto de racismo, lgbtfobia e divisão de classes atua como um combo de opressões para outros recortes de mulheres em situações de vulnerabilidade. Mas como esse processo de reflexão acontece? Judith Butler (2005) apresenta a visão de Foucault (1990) sobre a crítica, como não apenas um julgamento, mas um momento de procurar soluções para um problema. “Segundo ele, a ‘crítica’ é justamente a prática que não apenas suspende o juízo, mas que também oferece uma nova prática de valores, baseada nesta própria suspensão.” (BUTLER, 2005, p.2).

Ao fazer parte de um sistema de obediência é preciso saber à quê e à quem está obedecendo. A ideia de crítica é considerada uma virtude para o autor e ele defende que a virtude é uma relação crítica com as regras de moralidade dentro de uma sociedade. Não é apenas consentir e se submeter as normas é saber o porquê das normas e decidir por si, se pretende segui-las. Foucault (1990) questiona sobre a possibilidade de como não ser governado? E não de uma forma anarquista, e sim como não ser governado desse jeito ou de outro. “Como não ser governado assim, por isso, em nome desses

princípios, em vista de tais objetivos e por meio de tais procedimentos, não dessa forma, não para isso, não por eles" (FOUCAULT, 1990, p.3).

É questionar em que processo de naturalização de privilégios um indivíduo foi formado. Isso também implica quando ouvimos que o mundo está se tornando chato por causa do politicamente correto, o que isso quer dizer? De acordo com Pedro de Santi (2016), o politicamente correto seria a convivência dentro da polis de uma forma respeitosa, justa e empática. Mas a palavra tem adquirido um significado de censura sobre a expressão do outro, quando esse usa da liberdade de expressão para justificar discursos de ódio para com o outro. O termo tem o significado de respeitar por empatia o possível sofrimento de outra pessoa.

É a desconstrução advinda de novas verdades que fazem o indivíduo repensar toda a sua vida. A experiência moral que o autor aborda seria de acordo com Butler (2005), a reflexão do “eu”.

A experiência moral tem que ver com a transformação de si instigada por uma forma de conhecimento que é estrangeira àquela com a qual o sujeito se acostumou. E essa forma de experiência moral será diferente da submissão a um comando (BUTLER, 2005, p.7).

O indivíduo que enxergou que possui privilégios renasce sobre uma nova perspectiva da vida advinda da percepção das opressões que ajuda a reproduzir. Se tornando um aliado, ele para de sentir culpa e começa a pensar em soluções e ações que promovem a equidade. Mas, existem também pessoas que utilizam desse conhecimento para silenciar e oprimir as pessoas que ele diz estar defendendo. Por exemplo, dentro do feminismo existe um termo para quando um homem explica para uma mulher, didaticamente, algo óbvio ou que ela já saiba, como se ela não fosse capaz de entender sozinha, o termo é chamado de *mansplaining*. Essas situações são normais para mulheres, homens com uma compulsão de tentar explicar tudo para mulheres que em muitos casos, homens tentam explicar para uma mulher feminista o que é o feminismo, ou explicar para uma mulher o que é a menstruação.

E como pessoas privilegiadas podem ajudar? Um erro das pessoas de movimentos sociais é achar que não precisam da parcela da população que detêm de privilégios. Do que adianta falar sobre as mesmas coisas para pessoas que já sabem? Não muda nada. Só porque o maior opressor para as mulheres é o patriarcado e o machismo, não é certo e inteligente odiar os homens. É para criticar o sistema e mostrar para os homens o porquê deles precisarem lutar pela equidade entre os gêneros e não aceitar atitudes machistas dos homens. Se mais pessoas apoiam um movimento social,

mais chances de leis serem aprovadas para mudar a estrutura social das pessoas, proporcionando mais direitos.

Ter privilégio, significa usar dele para que a voz de camadas desprivilegiadas chegue em espaços que marginalizam essa população e lutar para que a voz dessas pessoas sejam ouvidas. Quando uma mulher, chega em uma posição política importante, pode usar do privilégio dela para propor leis que garantam a segurança da mulher, políticas públicas voltadas a mulheres em situações vulneráveis e lutar para continuar sendo uma representatividade feminina dentro do congresso.

Não existe ninguém que consiga, seguir inteiramente e perfeitamente as perspectivas e padrões impostos pela sociedade. Por isso, usar o seu privilégio para ajudar as pessoas que são mais machucadas por esse sistema, também é se ajudar.

A contribuição de Foucault para o que aparenta ser um impasse dentro da teoria crítica e pós-crítica de nosso tempo, é justamente nos pedir que repensemos a crítica como a prática na qual pomos em questão os limites de nossos modos de conhecimento mais certos. (BUTLER, 2005, p.5).

E não seria isso o que o jornalismo faz ou deveria fazer? Cornu (1994), acredita que a verdade deve guiar e ser o principal princípio do trabalho jornalístico⁸, o levando a ser uma pessoa crítica, sem dogmas e ideias formadas, para não deformar a verdade. A função jornalística diante da sociedade é restaurar a crítica, usando a informação para expor os fatos da forma mais fiel possível. E se não conseguir, ter a humildade de aceitar as críticas de seus leitores para formar realidades correspondentes ao verídico.

O meme da Barbie Fascista foi uma das oportunidades da imprensa se distanciar da posição política, mas apresentar críticas com um elemento cibernético. A crítica atingia, principalmente, eleitores pró-Bolsonaro classe alta ou média alta que ao estarem em uma posição elevada na hierarquia social, não achavam necessário que o governo prestasse assistência as camadas mais marginalizadas da população. Por serem criados em uma construção moral que os beneficia, a possibilidade de grupos sociais minoritários se apropriarem dos mesmos espaços, direitos econômicos, sociais e políticos soava como uma afronta a essa visão que tudo já é igualitário e se não é, foi porque não trabalharam o bastante por isso.

Mas mesmo as camadas mais pobres também podem ter privilégios e se aproveitar de uma ou outra vantagem sob outro grupo. Muitas pessoas pobres ou que podem se enquadrar em uma minoria, votaram em um cara que defende o mínimo de

⁸ Para Cornu “o papel do jornalista é situar-se fora do político, adoptar uma posição de estranho, a fim de garantir à sua própria verdade uma função política. Só esta vontade de exterioridade, que entra numa relação dialética com o compromisso que toda a interpretação da realidade supõe, é capaz de pôr o jornalista ao abrigo das influências políticas e da pressão social, de fugir às imposições do sistema, de modo a ser capaz de exercer a sua função de dizer a verdade, afinal a função crítica fundamental da imprensa”. (CORNU,1994, p 11).

direitos para eles. Então por que votaram? Como mostrado nas matérias e no meme, uma onda antipetista começou a ganhar espaço e com a séria polarização política, não importava se um candidato era fascista, não tinha propostas ou diminuía direitos, tudo se tornou aceitável para não deixar o Partido dos Trabalhadores ganhar a eleição.

Aqui propomos não apenas considerações finais, mas questionamentos finais. O jornalismo tem uma função política, pois ao se distanciar de uma posição, revela um quadrilátero de verdades. Por exercer essa função de mediador da verdade, tem o dever de criticar e de se autocriticar, e ao trazer em matérias o meme da Barbie fascista, ele usa a estratégia de pegar uma conexão com o público jovem e os faz indagar sobre seus próprios privilégios, o primeiro passo para um desassujeitamento.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miquel Rodrigo; SILVA, Laerte J. C. da. **Ética e Jornalismo: na era da pós-verdade**. Revista Observatório: Palmas, 2018.

ALTERMANN, Dennis. **O que exatamente é, onde surgiu e como definir o termo “meme”?** Disponível em: < <https://www.midiatismo.com.br/o-que-exatamente-e-onde-surgiu-e-como-definir-o-termo-meme>>. Acesso em: 26 nov. 18.

BERGER, Peter.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

Barbie Fascionista é "caricatura do eleitor de Bolsonaro", diz Le Monde. RFI, 24 out.2018. Caderno Brasil. Disponível em:< <http://br.rfi.fr/brasil/20181024-barbie-fascionista-e-caricatura-do-eleitor-de-bolsonaro-diz-le-monde>>. Acesso em: 27 nov.2018.

Boneca vira ícone de críticas a elitismo e preconceito em meme 'Barbie fascista': Posts que satirizam discurso contrário à justiça social bombam na web com imagem de símbolo pop. O Globo, Rio de Janeiro, 15 out.2018. Caderno Brasil. Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/brasil/boneca-vira-icone-de-criticas-elitismo-preconceito-em-meme-barbie-fascista-23156788>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

BUTLER, Judith. **O que é a crítica?** Um ensaio sobre a virtude de Foucault. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/59447/62615>>. Acesso em: 19 nov.2018.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. Trad. Geraldo Florsheim, Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Universidade da Universidade de São Paulo, 1978.

FIORATTI, Gustavo; MOURA, Eduardo. **Em correntes no WhatsApp e redes sociais, Barbie vira sátira de antipetistas**: Montagens com a boneca fazem deboche de críticos de ideias ligadas à esquerda. Folha de S. Paulo, São Paulo, 15 out. 2018. Caderno Poder. Disponível em:< <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/em-correntes-no-whatsapp-e-redes-sociais-barbie-vira-satira-de-antipetista.shtml>>. Acesso em 25 nov.2018.

FOUCAULT, Michel. **O que é crítica?** Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. Bulletin de la Société française de philosophie, Vol. 82, n° 2, pp. 35 - 63, avr/juin 1990

(Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela Lafetá Borges e revisão de Wanderson Flor do Nascimento.

GARCIA, Claudia. **Barbie: mais de 40 anos de história.** Disponível em:<<http://almanaque.folha.uol.com.br/barbie.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

JOHNSON, Maisha Z. **O que privilégio significa** (e o que não significa). Disponível em:<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4118463/mod_resource/content/1/O%20que%20privilegio%20significa%20e%20o%20que%20nao%20significa%20-%20Maisha%20Johnson.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2018.

SANTOS, Maria. **A Ética e os Valores do Indivíduo.** Disponível em:<<http://www.administradores.com.br/artigos/cotidiano/a-etica-e-os-valores-do-individuo/54296/>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo.** Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **Making News:** a study in the construction of reality. New York: The Free Press, 1978.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética.** Tradução João Dell'Anna. 7ª edição – Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1984.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994.